



## **A Imagem da Feminista na Mídia do Cariri Cearense: Análise da 17<sup>o</sup> Edição do Impresso Cariri Revista<sup>1</sup>**

Maria Clara Arraes Peixoto ROCHA<sup>2</sup>  
Francisca Pereira dos SANTOS<sup>3</sup>  
Universidade Regional do Cariri, Crato, CE

### **RESUMO**

O feminismo é um movimento que tem como objetivo principal o empoderamento feminino diante da cultura machista, desse modo, tem grande relevância para sociedade como forma de resistência e luta. Embora algumas conquistas tenham sido alcançadas, o feminismo ainda é entendido por boa parte da população de uma forma deturpada. Assim, a finalidade deste artigo é explicitar através de entrevistas e estudos bibliográficos como se constrói a representatividade da mulher diante da sua figura na mídia. Através da análise do impresso Cariri Revista 17<sup>o</sup> edição é feito uma análise para verificar se as mulheres feministas têm relevância nesse meio de comunicação e de como esse compromisso é trabalhado.

**PALAVRAS-CHAVES:**feminismo; regionalismo; representatividade;mídia.

### **INTRODUÇÃO**

A construção imagética da mulher na história da humanidade reflete uma linha temporal de preconceito e objetificação. Na Grécia antigo filósofo Aristóteles proclamou “A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades” (1980<sup>a</sup>, p.13), a mulher de Esparta também era criticada por ele, o pensador não aceitava que a figura feminina fosse erguida de forma similar a do homem, a autonomia da mulher espartana não era reconhecida pelos gregos e outras civilizações. Para os grandes filósofos da época, a mulher deveria apenas servir aos homens, de forma sexual, psicológica e manual. Para Simone de Beauvoir (1949, p.10) essas informações foram

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania: Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015

<sup>2</sup> Estudante do 2<sup>o</sup> semestre de Direito da Universidade Regional do Cariri. Email: [mariaclararochaa@outlook.com](mailto:mariaclararochaa@outlook.com)

<sup>3</sup> Orientadora do Projeto. Pós-Doutora em Linguística e professora da Universidade Federal do Cariri. Email: teiadoato@gmail.com



por muito tempo inquestionáveis, e serviram de pilar para fundamentar o machismo enraizado até hoje em muitas culturas.

A pensadora MaryWollstonecraft (1792, p.20) defendia o direito ao acesso à educação para as mulheres, o problema da desigualdade de gênero era presente por conta da inexistência de investimentos educacionais que permitissem a presença feminina em escolas e no ensino superior. O sistema patriarcal é opressor, e no século XIX não reconhecia a necessidade das mulheres se empoderarem de conhecimento científico. Entende-se por empoderamento “A pessoa, grupo ou instituição empoderada é aquela que realiza, por si mesma, as mudanças e ações que a levam a evoluir e se fortalecer” (FREIRE, 2005, p. 2).

A cultura machista instituía para mulheres realização de fazeres domésticos, alegando que as mesmas não eram dotadas de capacidade intelectual ou de processar em seus cérebros qualquer aprendizagem, fosse essa no âmbito espiritual ou físico. Baseado em preceitos morais, a mulher não podia trabalhar. Sair de casa era possível apenas caso estivessem acompanhadas pelos maridos, filhos homens ou sob vigilância da família. Seus trajes também obedeciam a uma estrutura estética repreensiva, com vestidos que geralmente ultrapassavam aos pés e se iniciavam no pescoço.

Assim, mesmo com todo progresso obtido durante anos de luta, o preconceito oriundo da Grécia Antiga, e até mesmo de tempos anteriores, é até hoje um empecilho para os ideais feministas. A situação da mulher foi analisada e criticada por Beauvoir, no século XX, quando mulheres ainda eram obrigatoriamente direcionadas ao casamento ou ao convento em suas vidas.

No Brasil somente em 15 de outubro de 1827 foi outorgado pelo imperador Dom Pedro I a lei que permitia mulheres frequentando escola de ensino básico. Contudo, essa educação era voltada para afazeres domésticos de caráter servil. Aprendiam a bordar, pintar, cozinhar e estudar as doutrinas da religião católica. As mulheres só tiveram acesso à educação de nível superior em 19 de Abril de 1879, mas as jovens que escolhiam seguir essa opção sofriam com a pressão social que mais uma vez julgava a mulher como incapaz. Em 1880 as primeiras mulheres graduandas do curso de Direito puderam se formar, entretanto, encontraram obstáculos para exercer a profissão pelo fato de serem do sexo feminino.

Quando se fala das mulheres negras, a situação fica ainda mais difícil. Sueli Carneiro, diretora do Geledés — Instituto da Mulher Negra —, afirma que a época da colonização no Brasil foi fundamental para a estruturação de um racismo enraizado e



cruel, nessa época instauraram-se as hierarquias de gênero e raça. Nos movimentos feministas não é suficiente trabalhar apenas as questões de injustiça com relação à dominação masculina, mas também questionar ideologias, como é o exemplo do racismo. Nesse sentido, o feminismo se construiu durante muito tempo diante de uma realidade voltada para mulheres brancas, com necessidades diferentes das negras.

Nesse contexto colonial do Brasil a mulher negra era marginalizada, foram escravizadas e abusadas psicologicamente, fisicamente e sexualmente. As negras não eram representadas pelos movimentos sociais hegemônicos, isso só veio apresentar variação na década de 70.

Diz Lélia Gonzalez (RATTS & RIOS, 2010), que ajudou a fundar instituições como o Movimento Negro Unificado (MNU), o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e o Olodum, em grande parte dos movimentos feministas a mulher negra não tem espaço para uma participação protagonista, a sua figura não é encarnada nas discussões sobre os direitos femininos. Desse modo, as militantes negras encontram dificuldade para dar visão e vazão para as suas causas, mas não por falta de manifestantes e sim pelo bloqueio que se estabeleceu culturalmente diante do racismo brasileiro.

Mediante essa situação, analisa-se a construção da imagem da mulher feminista perante à sociedade brasileira e conseqüentemente nas linhas das regionalidades específicas, incluindo mulheres que não fazem parte e não conhecem as lutas contra a disparidade de gênero. Sendo essa ignorância justificada na exclusão do tema nos meios de comunicação

Rachel Moreno, psicóloga, pesquisadora, especialista em sexualidade humana, trabalha a questão feminista em seu livro: “A imagem da mulher na mídia” (2003), discutindo minuciosamente a existência de um padrão de beleza adjacente à opressão de gênero, raça e condição social. O que contribui com a construir uma imagem inferiorizada da mulher. Os espaços publicitários advindos de grandes empresas têm como objetivo vender os seus produtos o que acaba por tentar persuadir seus clientes.

As mulheres são o principal alvo, na perspectiva da inalcançável busca pelo padrão estético de mulher branca, loira, jovem, heterossexual, casada e magra. E todas essas características estão aliadas a uma sensação de muita satisfação e felicidade nas propagandas de produtos de uso pessoal como utensílios de beleza, e como essa está associada a responsabilizar-se pelos cuidados domésticos, os produtos de limpeza e de



alimentação reproduzem um cenário limitado para figura feminina, não demonstrando outra visão para o que a mulher pode desempenhar nas suas atividades.

O uso da imagem feminina em campanhas comerciais tem se mostrado um recurso bastante comum. A imagem feminina é usada de modos diversos no anúncio de diferentes tipos de produção, desde bens de consumo duráveis – até produtos de higiene e beleza, cosméticos, alimentos, artigos de luxo, etc. E, por mais que os publicitários declarem que os usos da imagem feminina não passam de um recurso mnemônico, somente um “aceno” para que o consumidor lembre-se da marca anunciada, vê-se que tal afirmação não é verdadeira. (CAMPOS, 2010, P. 212).

Se a construção da imagem feminina é repleta de discriminação, a mulher enquanto feminista na maior parte dos casos não tem acesso às grandes mídias. E quando essa se verifica, os meios de comunicação, em vez de esclarecer, dificultam a compreensão do que é o feminismo e como atuam as feministas.

Em 1832 na Bahia, Nísia Floresta Brasileira Augusta, uma educadora, escritora e poetisa potiguar, usava o pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto publicou um livro “Direitos das mulheres e injustiças dos homens”, segundo ela a mulher deveria ter acesso aos estudos. Contudo, naquela época a maior parte da população brasileira não sabia ler e não tinha condições financeiras de custear um livro, isso era sinônimo de superioridade social e intelectual, enquanto as negras não tinham a mínima chance de se aproximar dessa realidade.

Somente vinte anos depois no Rio de Janeiro foi lançado o “Jornal das Senhoras” que existiu durante três anos. Sua primeira redatora foi a argentina Joana Paula de Manso de Noronha, jornalista e escritora, e seis meses depois assume a também jornalista Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Velasco. As matérias percorriam a ideia que a mulher devia ir além do que se pregava na época, que o conhecimento deveria ultrapassar os limites impostos. Além de aprender boas maneiras como costurar, tocar piano e outros, o jornal tinha intenção de promover a ideia de que o homem não deveria considerar a mulher como sua propriedade. Também defendia o direito ao divórcio e ao voto que conseqüentemente foram presentes na Constituinte de 1891.

Mesmo com a presença desse e de outros poucos jornais redigidos por mulheres no século XIX, a voz feminina ainda não possuía o destaque necessário. Porque as mulheres que seguiram essas diretrizes foram julgadas pela massa social, assim, dificultando a luta pelos direitos de igualdade.



Quando o estudo se direciona para as cidades do interior brasileiro, o debate sobre imprensa e a construção da imagem da mulher feminista gera ainda mais conflitos.

(...) os meios de comunicação se transformam em veículos de fundamental importância no reforço e transmissão da ideologia patriarcal da sociedade e no principal defensor de uma imagem da mulher. Isto é, da mulher objeto sexual, de acordo com certos padrões de beleza e da moda, eternamente preocupada em agarrar seu homem, sem nenhum objetivo de vida próprio e eternamente consumidora dos últimos produtos de limpeza, beleza e alimentação lançados no mercado. (FERREIRA, 2011, p. 9).

Logo, fazer um estudo de como a mídia representa a mulher feminista é evidenciar sua devida importância como meio de resistência e luta. Sendo assim, a Cariri Revista 17 edição será de fundamental importância para a investigação de como as informações acerca do feminismo na região do Cariri estão sendo elaboradas e disseminadas através do meio de comunicação impresso.

## **A ASCENSÃO DA CULTURA DE MASSA NO NORDESTE**

José Maria de Paiva (1999, p. 60-67) desenvolve nos seus estudos a avaliação do que é cultura e seu valor para sociedade em si. Para ele:

A cultura se percebe a posteriori. Observando as formas de uma sociedade viver, estabelecemos seus eixos fundamentais. No entanto, essas formas não tiveram origem mágica: elas respondem à necessidade de sobrevivência num determinado contexto, incluindo aí todas as variáveis. A cultura surge da vida cotidiana. E, também por isto, a cultura nunca está pronta. Pelo contrário, tende sempre a uma reorganização.

A partir desse posicionamento pode-se explicar o porquê da cultura ter se construído enraizada no machista e de como a mídia tem relevância nesse aspecto, por vezes não dando visibilidade a mulher e aos seus feitos. A expressão cultural nordestina deu-se por influências religiosas e patriarcais, sendo a figura do homem colocada como centro absoluto de força para o desenvolvimento industrial, familiar e intelectual. FREYRE, (1933)



Nessa perspectiva, os meios de comunicação influenciam a população de determinado lugar no sentido de contribuir como artifício de difusão de informação e formadores de opiniões. Assim, tratando-se da cultura de massa da região Nordeste se faz necessária a avaliação de como se deu a ascensão midiática diante da estruturação dos significados acerca dos movimentos feministas. Sendo o sertão uma região com ideologias tipicamente patriarcais, a relação de proximidade entre a comunicabilidade e seus interlocutores se consolidou de maneira machista para não arriscar seus lucros e audiências.

Há razões históricas e culturais que ajudam a configurar a existência e o grau de importância da mídia regional e local em cada contexto. (...) No Brasil, o desenvolvimento das comunicações, principalmente através de grandes redes de televisão, acabou priorizando a centralização da produção de mensagens nos grandes centros urbanos, de onde passam a ser disseminadas por todo o país. (PERUZZO, 2005, p.70-71)

A escritora e pesquisadora em comunicação popular e alternativa, Cicilia M., traz em seu discurso as dificuldades das atrações produzidas localmente de se manterem e se fortalecerem diante dos padrões exigidos pelas mídias nacionais e internacionais. A mídia local, para produção de seu conteúdo, se baseia na identidade ideológica de determinado lugar. Mas como enunciou Jose Maria de Paiva, em ‘Educação e Cultura a sociedade brasileira nos séculos XVI e XVII’ (1999 p. 60-67) os eventos culturais e sua construção não são fatores estáticos, sendo assim, os meios de difusão da comunicação devem apresentar as manifestações políticas e artísticas regionais para que dessa forma possa informar a população acerca dos movimentos locais.

Segundo Mary Ferreira: ‘O que caracteriza a dimensão social e política de um movimento é sua capacidade de transgredir, de trazer fatos políticos, de recompor momentos que dão novo sentido a realidade’ Feminismos no Nordeste brasileiro Histórias, memórias e práticas políticas pág. 3. Nesse sentido, os movimentos feministas não devem ser excluídos do cenário midiático local, porque este é detentor de relevância além de política, cultural. É preciso uma imprensa livre para poder dar vigência para assuntos considerados tabus, mas que são imprescindíveis.

Assim sendo, diz Cicilia M. Krohling Peruzzo:

Na prática, o jornalismo local vem revelando algumas tendências. Os laços políticos locais tendem a ser fortes e a comprometer a



informação de qualidade. É comum a existência de tratamento tendencioso da informação e até a omissão de fatos, em decorrência de ligações políticas com os detentores do poder local e dos interesses econômicos de donos da mídia. (PERUZZO, 2005,p. 78)

A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro foi tardia, seja no âmbito político, industrial ou principalmente em ocupar cargos de chefia nas empresas. Em virtude da discriminação de gênero, o acesso das trabalhadoras ao exercício profissional deu-se de maneira lenta e conflituosa, já que a discrepância entre homens e mulheres incessantemente se fez presente no empoderamento diante dos seus direitos. A carência da presença feminina na política e nas atividades profissionais pode ser considerado fator decisivo na supressão de pautas referentes aos direitos da mulher, sobretudo o meios de comunicação um reflexo disso.

### **Análise da Cariri Revista 17º Edição**

A importância de um caderno cultural em mídia impressa é essencial para identificar um povo de determinada localidade e deve ser vista de forma relevante para preservar um patrimônio imaterial e característico. O Cariri por si é referência em cultura desde religião, literatura, artesanato, artes cênicas e variantes. Marcando como passo para proceder a gerações, o jornalismo cultural autentica uma linguagem alternativa. A partir desse estudo, fica perceptível que a Cariri Revista 17º Edição enquanto difusor de conhecimento precisa revelar a identidade feminina diante do seu cenário artístico, político e econômico.

Nessa Edição a revista traz na capa a secretária de cultura da cidade de Crato, Dane de Jade, cuja assumiu o cargo no ano de 2013. Na reportagem escrita por Cláudia Albuquerque em ‘Afetos e ofício: o Cariri de Dane de Jade’ a vocação artística é ressaltada com muito elogio, retrata a força e persistência de uma mulher determinada a finalizar seus projetos. Afirma Dane de Jade ‘O Cariri é um seleiro de potencialidades e a gente precisa trabalhar nesse aspecto de dar visibilidade a isso e acho que um festival vai ser uma coisa bacana.’. Nessa fala, explica que sua participação na elaboração da 1º Mostra SESC Cariri de teatro foi de grande importância para a realização do projeto. Então, a construção da figura da então secretária é representada com o devido mérito com relação as suas atividades na região, não há registros de desvantagens pelo fato de ser uma mulher.



Sendo essa mulher no decorrer de sua carreira autêntica e presente nos eventos tipicamente regionais e masculinos de literatura, teatro, música e outros movimentos, está numa posição de organização de tamanha importância que é a secretária de cultura municipal do Crato, significa que a mesma está por si a construir seu espaço de chefia dentro de uma realidade que aos poucos está sendo ocupado pela presença feminina.

Nesta mesma edição, outras figuras femininas são retratadas como pilar da construção da cidadania caririense. Na matéria redigida pela repórter Lidiane Almeida em “O canto das Incelenças de Barbalha” em que o destaque é o grupo de canto das Incelenças localizado na cidade de Barbalha, simboliza como as mulheres mais idosas da região estão mais conectadas com a religião. Esse grupo é composto por mulheres em sua maioria de baixa renda e negras, a função do mesmo é encenar cânticos em velórios.

Na reportagem é característica a autoridade colocada por essas mulheres, tanto no sentido cultural já que pertence a tradição popular nordestina como econômica, porque elas conseguiam uma parte de sua renda devido as suas cantorias. Contudo, com o passar das gerações, essa prática gradativamente ficou deslembada, e hoje, elas se apresentam como grupo artístico nas festas regionais.

Outra figura de notável importância mostrada na revista pela matéria escrita por Felipe Azevedo em “Cordel para o feminino para o plural” é a pesquisadora Francisca Pereira dos Santos, que tem como objeto de estudo a literatura nordestina. Como militante feminista deu evidência ao movimento questionando o porquê das mulheres escreverem e não serem valorizadas. Francisca Pereira dos Santos se responsabilizou em relatar as histórias dessas escritoras até então anônimas em um grupo de cordelistas iniciado no ano de 2000, chamado “Sociedade dos Cordelistas MaUditos” composto por doze pessoas.

A função jornalística do cordel se acentua a partir do momento em que suas mensagens cumprem o papel informativo através da poesia, contos, crônicas e narrativas. Hoje, estamos na era da informação que circula rapidamente e de maneira simultânea, mas, ainda assim, os cordelistas continuam produzindo sob um âmbito instrutivo e bem humorado: eleições presidenciais, julgamentos importantes, o preço da gasolina e outras tantas situações que percorrem a cena política e vão até os contos de fantasia, já foram transformados em folhetos. (AZEVEDO, 2014, p.25)





Uma das participantes dessa sociedade era Salete Maria que também é retratada na revista, pela reportagem escrita por Felipe Azevedo em “Cordelizar” conta a história da sua carreira, mulher feminista libertária e protagonista na luta pela equidade de gênero, que em 1996 escreveu um cordel sobre a violência sofrida pelas mulheres “Mulher-consciência: Nem violência nem opressão” era uma das poucas exceções de mulher cordelista na região, sendo assim, a escritora iniciou sua luta contra o machismo. Segundo retratado na reportagem, foi a primeira mulher a disputar na região do Cariri o cargo político de governo do estado pelo Partido da Causa Operária – PCO.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o cenário midiático caririense tenha demonstrando nos últimos anos uma evolução na questão de gênero, como é o caso das lutas feministas, o espaço para esse tipo de mídia ainda é pequeno. A grande mídia tem falhado quanto a seu papel educador na construção de uma sociedade igualitária, deixando explícita a necessidade de se discutir, bem como integrar o feminismo como valor humano.

Assim, a Cariri Revista enquanto veículo da mídia impressa regional retrata a representatividade da mulher caririense engajada no movimento feminista. Trazendo pelo viés da cultura popular, a imagética de uma mulher forte e presente na construção de um Nordeste e associada a o mesmo de forma resistente. Seja através da fé, manifestações culturais, literatura ou militância. Pois como cultura é vivência e nela o sujeito está inserido e por si tece transformações, a mulher, como membro de tal espacialidade tece o seu empoderamento, a fim de construir os rumos de uma narrativa com suas próprias mãos.

## Referências

- ALAMBERT, Zueleika. Os meios de comunicação e o resgate da real da imagem da mulher brasileira, in **Mulher**. 1985 p.9
- ALBUQUERQUE, Claudia. Afetos e ofício. **Cariri Revista**. Juazeiro do Norte, v. 17, 2014.
- ARRAES, Jarid. Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria. **Revista Fórum**. São Paulo, 2014.
- AZEVEDO, Felipe. Cordelizar: Causas e militância no cordel de Salete Maria. **Cariri Revista**. Juazeiro do Norte, v. 17, 2014



BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: A experiência vivida. Rio de Janeiro.** Nova Fronteira: 1980

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer O Feminismo: A Situação Da Mulher Negra Na América Latina** A Partir De Uma Perspectiva De Gênero. [Http://Www.Unifem.Org.Br/Sites/700/710/00000690.Pdf](http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf)

FERREIRA, Mary. **Feminismos no Nordeste Brasileiro: histórias, memórias e práticas públicas.** 2011. Revista Polis Latino Americana.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens.** São Paulo: Editora Cortez, 1989a.

FRANCISCO, Antonio. **Primeiro jornal feminino dizia: homem não é dono da mulher. CGN: O Jornal de Todos os Brasis,** São Paulo, 2012. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-historia-do-primeiro-jornal-feminino-do-brasil>> Acesso em 12 mai. 2015

FREYRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

FREYRE, **Casa-Grande** e Gilberto. **Senzala.** 48ª Edição. São Paulo: Global Editora, 2003.

GONZALES, Lelia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** São Paulo, ANPOCS, Ciências Sociais Hoje, 2. ANPOCS, 1983a, p. 223-244.

MENDES, D. ; CAMPOS, Fernando . **Homens Sujeitos, Mulheres Objetos. Revista LEVS** (Marília), v. v.9, p. 210, 2012.

MORENO, Rachel. **A imagem da mulher na mídia.** São Paulo: Editora Publisher, 2013.

MORENO, Rachel. **A Beleza impossível: mulher, mídia e consumo.** São Paulo: Ágora, 2008.

NEGRÃO, Télia. **Movimento Feminista.** PortoAlegre: 2010. Disponível em:<“www.ufrgs.br/nucleomulher/mov\_feminista.php”> Acesso em 17 mai. 2015

PAIVA, J. M. **Educação e cultura: a sociedade brasileira nos séculos XVI e XVII. Comunicações, Piracicaba,** v. 6, n. 2, p. 60-67, 1999

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade.** São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem.

RATTS. Alex & RIOS, Flávia. Lélia Gonzalez. 1ª. Ed. São Paulo: Selo Negro, 2010

SILVA, Salete Maria da . **Mulher-consciência: nem violência, nem opressão - 2ª edição.** 1997 (literatura de cordel).



SOARES, Danyele. Participação das mulheres na política ainda é desafio. **EBC Agência Brasil**, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-03/participacao-das-mulheres-na-politica-ainda-e-desafio>> Acesso em: 12 mai. 2015

WOLLSTONEGRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Woman**. London: Penguin [1792], 1992.